

MISSÕES DO INTERIOR EM PORTUGAL
NA ÉPOCA MODERNA :
AGENTES, MÉTODOS, RESULTADOS

por
EUGÉNIO DOS SANTOS

Nesta lição-síntese ¹ abordarei — e aqui o termo abordagem tem um sentido rigoroso — algumas das principais questões que se põem ao estudioso que se debruça sobre as missões do interior na Época Moderna, ou seja, cronologicamente, entre meados do séc. XVI e 1834. E fá-lo-ei a partir de documentação inédita, na maior parte, o que implica limitações que não desejo esconder.

Antes de mais, por uma questão de rigor metodológico, creio ser importante dizer porquê o estabelecimento de tais balizas. Quanto ao *terminus ad quem* parece não haver dificuldades de aceitação. Com efeito, há um consenso quase unân-

¹ O texto, que agora se publica, serviu de base à lição do concurso de agregação que o autor proferiu em 15 de Janeiro de 1960, perante um júri constituído pelos professores doutores António Cruz, J. A. Ferreira de Almeida, Humberto Moreno, Luís Oliveira Ramos, da Universidade do Porto, António de Oliveira e Manuel Augusto Rodrigues, da Universidade de Coimbra, Luís de Matos, da Universidade Clássica de Lisboa e J. S. Silva Dias, da Universidade Nova de Lisboa e presidido pelo então Vice-Reitor, senhor Prof. Eng.º Horácio Maia e Costa.

nime em aceitar que em 1834 terminou entre nós o chamado Antigo Regime, com o triunfo definitivo da causa liberal. Isso autorizará, por si só, a nossa cesura que, embora largamente justificada, é sempre arbitrária e discutível.

Quanto à 1.^a baliza muitas mais reservas serão legítimas. Não vamos aqui discutir se existe, em que consiste e quando começa, com rigor, a modernidade portuguesa. Será ela coincidente com o centralismo e, portanto, definível preferentemente por padrões políticos? Ou, ao contrário, haverá outros critérios mais adequados e sugestivos para a definir? Eis questões que aqui não podemos tocar. Preferiremos, mais uma vez, a tradicional (e cómoda) periodização que estabelece o séc. XVI como a época em que se afirmam nos vários países do ocidente cristão as linhas de rumo dos chamados Tempos Modernos.

Mas por que arrancamos apenas a partir dos meados do séc. XVI? Diremos desde já que não é porque não tenham havido repetidas missões entre nós anteriormente, mas pelo facto de considerarmos as resoluções do concílio de Trento como um marco de capital importância na definição doutrinal e pastoral do catolicismo. Ora, como é sabido, essa assembleia dissolveu-se após 4 de Dezembro de 1563 e, a partir de Julho do ano seguinte, as suas decisões tornaram-se obrigatórias para toda a Igreja católica. D. Sebastião tornou-as lei do reino em Setembro desse mesmo ano². E ninguém ignora as enormes repercussões causadas na cristandade pelo concílio tridentino tanto no aspecto dogmático, político e militar, como no plano disciplinar e moral. Embora seja um erro crasso, como afirma um especialista de renome, pensar que antes do concílio tudo estava mal e depois dele tudo melhorou de imediato, não é menos certo que ele acelerou e relançou movimentos anteriores

² Marcello Caetano, «Recepção e Execução dos Decretos do Concílio de Trento em Portugal», in *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, 1965, vol. XIX, pp. 7 a 52.

de resposta às carências sentidas por toda a parte³. Parece, pois, justo considerá-lo como marco inicial a ter em conta, embora sem significado absoluto, como veremos.

Desde os primeiros tempos o cristianismo se apoiou na palavra e por duas razões essenciais, segundo Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmidt, em trabalho aparecido há pouco tempo⁴. Primeiramente porque o cristianismo é uma religião fundada na palavra, visto que o Livro e as Escrituras encerram a palavra para ser dita e ainda porque ele se desenvolveu em sociedades e culturas da oralidade, ou, se se preferir, do sensível. Daí a enorme importância da pregação. Cristo, aliás, nunca escreveu. E S. Tomás de Aquino disse que, se isso não aconteceu, foi porque Ele estimava mais a palavra do que o escrito. Como bem demonstrou o medievalista Pierre Riché recentemente, foi quando se verificou a conversão dos reis bárbaros ao catolicismo que se pôs com agudeza o problema da doutrinação maciça das populações, sobretudo rurais⁵. Os bispos tornaram-se os melhores auxiliares dos reis, porque cada conquista militar só se tornava durável na medida em que era acompanhada da penetração do cristianismo, isto é, quando os conquistados adoptavam a religião dos conquistadores. Por tal razão, os missionários, quando implantavam o cristianismo nas regiões conquistadas, faziam-no por razões proseliticas, mas também por interesse temporal. Assim, braço secular e eclesiástico tendem a confundir-se e este traço permanecerá pelos séculos fora. Os missionários são enviados de Deus, sem dúvida, mas são-no também das autoridades civis, pois que o

³ Jean Delumeau, *Le Catholicisme entre Luther et Voltaire*. Paris, 1971, com particular destaque para o cap. II da 1.ª parte e III da 3.ª parte.

⁴ Jacques Le Goff et Jean-Claude Schmitt, «Au XIII^e Siècle. Une parole nouvelle», in *Histoire Vécue du Peuple Chrétien*. Toulouse, 1979, pp. 257 a 278.

⁵ Pierre Riché, «VI - XI^e siècles. La pastorale populaire en Occident». *Idem*, pp. 195 a 219.

projecto de sociedade que eles procuram inculcir, fortemente hierarquizado e centralizado, tem o rei e o papa como as duas faces visíveis da mesma autoridade invisível, isto é, de Deus. Por isso o missionário se arroga de prerrogativas e se imiscui em domínios que a mentalidade dicotómica e laicizada de hoje tem dificuldades em aceitar. Ele é o enviado de Deus, o anjo da paz, que lê nas consciências, mas é também o que coage, que denuncia, que atemoriza. Como bem observa o autor citado, inaugura-se uma pastoral autoritária, repressiva. Ele é, além disso, um destruidor e um inimigo implacável das crenças tradicionais e do folclore. Martinho de Dume ou de Braga escreveu no séc. VI o *De correctione rusticorum* para que servisse aos missionários do interior como um manual de direcção. Aí, como 10 séculos mais tarde, se procurava elucidar os fiéis acerca do que era sagrado e do que era profano, e, portanto, lícito e ilícito. E textos destes foram escritos para todos os países do ocidente.

Ora foi exactamente no séc. VI que os bispos perderam o monopólio de pregar, que detinham até então e que o sermão do simples clérigo, dirigido às populações rurais, teve de se adaptar às condições do meio, abandonando os artificios da retórica e da eloquência e transmitindo verdades simples e acessíveis. Não vamos, porém, debruçar-nos sobre as missões da alta Idade Média, nem mesmo sobre as dos sécs. XIV-XV. Estas dirigiram-se, essencialmente, ao espaço urbano e eram cíclicas, coincidindo, na enorme maioria dos casos, com o Advento e Quaresma. Neste aspecto, as missões do catalão S. Vicente Ferrer e de alguns outros são uma verdadeira excepção.

Basicamente, a pregação era, pois, um meio para fornecer aos crentes uma formação permanente e um melhor conhecimento dos mistérios da sua fé, após a instrução rudimentar da infância. E isto é verdadeiro tanto para os cristãos como para os heréticos, como bem demonstrou Le Roy Ladurie em *Mon-*

*taillou, village occitan*⁶, relativamente ao catarismo pirenaico dos sécs. XIII-XIV. O sermão é indispensável a uma permanente aculturação religiosa. Daí que uma sociedade que se pretende organizada em função dos princípios cristãos, não possa prescindir da pregação. Não espanta, pois, que vejamos por toda a Europa, ao longo das Idades Média e Moderna, reis, príncipes, poderosos, parlamentos, municípios e associações profissionais protegerem, financiarem e organizarem pregações regulares.

Segundo as características e circunstâncias, é costumes agrupá-las em três tipos :

- 1—A instrução ou exortação paroquial dos domingos e festas.
- 2—A pregação extraordinária dos períodos solenes do ano, como Advento e Quaresma, feita em lugar fixo e curto espaço de tempo, a que é costume chamar estações. Quase sempre era feita por oradores especializados, segundo as regras da eloquência; era paga.
- 3—Por último, as pregações itinerantes, predominantemente rurais, de catequização e moralização, prolongavam-se por dias, meses e até anos a fio. Feitas por um grupo de clérigos, eram gratuitas. A estas se chamará com propriedade missões.

Aliás, não deixa de ser interessante salientar que o jesuíta António Franco, ao referir-se à actividade da Companhia em 1714, estabelece uma clara distinção entre missões estáveis e pedâneas, isto é, as pregadas numa cidade e aquelas em que se itinerava permanentemente, manifestando a sua clara

⁶ Emmanuel Le Roy Ladurie. *Montailou, village occitan de 1294 à 1324*. Paris, 1975. Cf. cap. XV, em especial.

preferência pelas segundas: «Não falo das que houve estaveis porque estas não são de tanto fruto como as pedâneas, cujos missionários são semelhantes ao sol que alumia a todos e por muitas partes, as outras como a tocha que só alumia a casa onde está»⁷. Se aceitarmos esta distinção, é forçoso reconhecer que só por meados do séc. XVI se poderá falar com propriedade de missões entre nós e daí a razão da nossa cronologia.

Feitas estas observações prévias, direi apenas uma palavra sobre as razões que estão na origem das missões. Elas nasceram do desejo de catequizar, ou melhor, de evangelizar os fiéis. Estes estavam submersos na mais crassa ignorância, sem distinção de idade, nem de sexo. Disso há testemunhos inumeráveis e eloquentes: constituições sinodais, relatos de visitas, cartas de bispos e outras autoridades, relatos dos próprios missionários, os quais, em conjunto, fornecem um quadro negro da situação. Sem querer demorar-me, chamo apenas a atenção para dois textos bem conhecidos da nossa literatura, onde abundam indicações a este respeito: *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, de Fr. Luís de Sousa, *Vida do Venerável P.º Fr. António das Chagas*, de Manuel Godinho e ainda as *Cartas Espirituais*, do mesmo Chagas. A estes seria possível adicionar centenas de outros. Não quero, porém, desperdiçar a oportunidade para inserir aqui mais dois testemunhos inéditos, referentes a séculos e regiões diferentes.

O 1.º é haurido na *Relação somaria da Missão que fizeram à comarca de Chaves* dois jesuítas, de fins de Maio a Agosto de 1673, por ordem do arcebispo de Braga (D. Veríssimo de Lencastre). Referindo-se à necessidade destas missões escreveram eles :

«A falta de doutrina era tanta que até o n.º e nome da SS.ª Trindade ignorava alguma gente grande e dos outros mistérios da nossa santa fé se sabia muito pouco». Muitos confundiam a *Ave Maria* com o *Acto de Contrição*. Acerca

⁷ B.N.L., Códice 750, III Parte, cap. X.

dos sacramentos eram inúmeros os erros e outro tanto acontecia relativamente aos mandamentos, «usando muita gente por pura ignorância de agouros, sonhos, factos encobertos e de curar com palavras e escritos. Na vila de Montalegre e ainda na de Chaves durava o abuso de não virem em dois anos as viúvas à missa e as donzelas nunca, salvo a desobrigar-se na quaresma».

«Quanto à falta de quem saiba e possa dar a doutrina verdadeira nestas terras manifesto he não o haver ... Finalmente, tomavam atrevimento alguns rusticos para se fazerem mestres e a darem, chegando ignorantemente a proferir em público proposições muito escandalosas, prejudiciais e erradas»⁸.

O outro depoimento vem-nos dos vicentinos de Rilhafoles. Anotaram a propósito de uma missão feita em Ílhavo, em 1756 :

«Não há palavras para exprimir a ignorância das coisas pertencentes à salvação e ainda das precisas para esta e a falta de educação cristã ...»⁹.

Em ms. da T.T. (Livreria) se diz, em relação a uma missão pregada na ilha Terceira, em 1573, que a ignorância era tal que só agora parecia que os fiéis «empeçauam a ser cristianos»¹⁰. Suma e crassa ignorância, mata bravia de vícios e idolatrias, pego do demo, são expressões correntes na pena dos missionários ao caracterizarem o nível de conhecimento religioso dos seus contemporâneos.

Foi baseando-se em constatações destas, procedentes de todos os quadrantes europeus, que Jean Delumeau enunciou a sua tese célebre, repartida em duas asserções complementares :

- 1.º Não passa de pura lenda a afirmação de uma Idade Média inteiramente cristã. O que existia, de facto, era um sincretismo pagano-cristão.

⁸ *Idem.*

⁹ *Missoens prégadas pelos padres da Congregação da Missão da casa de Rilhafoles*, fl. 15.

¹⁰ A.N.T.T., *Livreria*, ms. n.º 690.

2.º A verdadeira cristianização do Ocidente, tanto em extensão como em profundidade, é um facto dos Tempos Modernos, portanto, recente, pese embora a constatação, mais do que uma vez lembrada, de que as gerações se sucedem e, portanto, a catequese é um trabalho de Penélope ¹¹.

Para esta contribuíram decisivamente os missionários do interior, cuja organização, objectivos e ideologia apresentam um inegável paralelismo em todos os países europeus. Na lição da sua entrada no Colégio de França, em Fevereiro de 1975, como titular da cadeira de *Histoire des mentalités religieuses de l'occident moderne*, o autor fundamentou melhor o seu ponto de vista que hoje é quase unanimemente aceite, mesmo por aqueles que a princípio lhe opunham algumas reservas (refiro-me a Michel Vovelle, por exemplo). As missões acabaram por redundar num esforço para remodelar o fiel, para o instruir e atrair a uma causa superior e, por isso, o missionário usava um estilo «simples, directo, tocante», servindo-se de imagens arrancadas ao meio ambiente o que levou Michel Zink a afirmar que foi por uma espécie de mimetismo pedagógico que os pregadores assimilaram, por veezs, certas formas de pensamento do auditório a que se dirigiam.

Eis por que a missão popular se dramatiza intencionalmente, a fim de reforçar a sua acção. Durante a pregação, usando de gestos espectaculares, de campainhas, de ossos e caveiras, de quadros terríficos, bradando em altos gritos, ameaçando com o crucifixo em punho, interpelando directamente o auditório, é verdadeiro teatro que se põe em cena.

¹¹ Cf. Alain Lottin, «Contre — Réforme et Religion Populaire: un mariage difficile mais réussi aux XVI^e et XVII^e siècles en Flandre et en Hainaut?», in *La Religion Populaire*. Paris, 1979, p. 53. Cf. também J.-P. Dedieu, «Christianisation en Nouvelle Castille», in *Mélanges de la Casa Velazquez*. Tomo XV, 1979, pp. 261 e ss.

Os actores são os missionários, sem dúvida, mas também os fiéis, homens, mulheres, crianças os quais assumem o duplo papel de actores-espectadores.

Em relação à missão jesuítica de 1624, em Alcácer do Sal, lê-se :

«As doutrinas se fizeram com toda a solenidade, principalmente aos domingos, saindo sempre o P.^o da misericórdia em direcção à igreja matriz com boa musica e acompanhado de muita gente, que com outra que já la estava esperando, faziam um fermoço auditório. Nella ião os estudantes que havião de representar os diálogos que todos os domingos se fizerão, não menos devotos do que curiosos, levando em várias salvas de prata, muitos e lustrosos premios, com que eram premiados depois de os representarem, o que faziam com imensa graça e garbo»¹².

O fim destas representações é menos convencer do que impressionar a fim de se conseguirem resultados imediatos e espectaculares, conduzindo à confissão geral e comunhão. O seu auge consistia na procissão final de penitência, a que nos referiremos ainda.

Enquadradas as missões quanto às suas espécies e razões justificativas, enunciemos muito rapidamente outros aspectos.

A duração de cada uma não era uniforme, como, aliás, seria de esperar. Se as houve de menos de uma semana, em pequenas aldeias, outras prolongaram-se por mais de dois meses, como, por exemplo, as de Faro e Loulé em 1741, as de Borba e Serpa em 1743 ou então a de Évora que se estendeu de 5 de Novembro de 1778 até 6 de Fevereiro do ano seguinte. O número médio de dias oscilava, porém, entre os 10 e os 15. Estes dados não são desprezíveis pois, como quer Pierre Chaunu,

¹² B.N.L., Cx. 30 - Y - 5 - 82, n.º 4.

nenhuma historiografia séria pode hoje prescindir da quantificação, ou melhor, da seriação.

As famílias missionárias que entre nós mais se distinguiram, foram, sem dúvida, os missionários apostólicos, os lazaristas ou vicentinos, os jesuítas e os oratorianos. Em trabalho recentemente publicado¹³ tive já ocasião de acentuar que, em meu entender, os jesuítas estiveram particularmente activos, dobrado o meado do séc. XVI e até final dessa centúria. Arrefeceu, depois, o seu zelo que só foi recuperado com o dealbar de setecentos e, com altos e baixos, manteve-se até à extinção.

Com a 2.^a metade do séc. XVII e coincidindo com a restauração da independência irrompem duas famílias particularmente importantes: oratorianos, em 1668 e missionários apostólicos, em 1679. Ambos se mantiveram em actividade até 1834. Finalmente, os vicentinos só em 1744 lograram implantar-se entre nós, mas a sua acção foi particularmente viva nas décadas de 1760-1770 e muito significativa ainda em pleno séc. XIX.

Sabendo quais os institutos, ocorre perguntar: Quem missionava? A questão é mais importante do que à primeira vista poderá imaginar-se, porque, como acentuou recentemente Hervé Martin¹⁴, o pregador fazia-se eco das ideias do seu tempo sobre o homem, a sociedade, o mundo e a sua história, o que lhe conferia o papel essencial de mediador entre a comunidade cultural e as massas. Era ele quem espalhava entre o público rudimentos de saber, fórmulas simples e estereotipadas, enfim, quem fornecia códigos de ética e de moral. Não é de admirar, por isso, que quem ia missionar tivesse que ser um modelo de eclesiástico, tanto no aspecto exterior (idade, vestuário, porte), como no foro interior (experiência pastoral, ciência

¹³ «Les missions des Temps Modernes au Portugal», in *Histoire Vécue du Peuple Chrétien*, I vol. cit. pp. 431 e ss.

¹⁴ «La prédication des masses au XV^e siècle. Facteurs et limites d'une réussite», *Ibidem*, II vol., pp. 9-36.

provada, etc.). O autor de um ms. da T.T. enuncia as suas qualidades essenciais :

«primo et principaliter sit bonus et iustus et a pravitate moribus totaliter alienus».

«secundo debet esse vir literatus et in scripturis eruditus».

«tertio loquendo aliis supernae majestatis sit nuncius»¹⁵.

Poucos poderiam satisfazer tão exigentes condições. Compulsando os registos dos óbitos dos oratorianos portuenses, por exemplo, constata-se que os melhores missionários eram simultaneamente os mais afamados professores. A competência intelectual, portanto, era condição essencial de êxito.

Ao analisarmos os dados fornecidos acerca dos franciscanos, não podemos deixar de ser sensíveis ao estrato sócio-cultural a que pertenciam os primeiros missionários de Brancanes. Dos 34 referenciados, 26 tinham cursado estudos superiores universitários, entrando em religião quando exerciam invejáveis cargos; os outros tinham sido cónegos ou titulares de igrejas rendosas e só dois simples curas. 17 eram filhos de famílias nobres e ricas, alguns da mais alta nobreza e a maioria estava em idade compreendida entre os 25 e os 30 anos, portanto, na plenitude da vida¹⁶.

Idênticas conclusões se colhem dos dados fornecidos acerca dos frades de Varatojo. 4 dos biografados pertenceram à alta nobreza, 11 eram simplesmente nobres, 6 provinham de famílias ilustres e apenas 2 de agregados humildes. A maioria tivera formação universitária¹⁷. Mesmo que saibamos que tais dados não são exaustivos e fornecem apenas indicações, elas não deixam de ser sugestivas. O missionário era rigorosamente

¹⁵ Cf. Ms. n.º 476.

¹⁶ Cf. A.N.T.T., ms. n.º 852.

¹⁷ Frei Manoel de Maria Santissima, *Historia da Fundação do Real Convento e Seminario de Varatojo*. Porto, 1799.

seleccionado e exigia-se-lhe, pois, que servisse de verdadeiro modelo de clérigo, tanto aos olhos do clero rural, muitas vezes inculto e laxista, como aos dos próprios fiéis.

Toda a missão era metodicamente preparada e essa característica é mesmo apontada por alguns autores como um índice bem claro do espírito dos tempos modernos. A linguagem do foro militar que os missionários utilizavam era, pois, intencional. O que é que existia melhor organizado do que um exército? E eles diziam-se «soldados da milícia de Cristo e do esquadrão armado do Senhor dos exércitos» (Relato da missão a Abrantes, começada por um «cerco», diz o texto, em 1744). Como um militar, também o missionário avaliava, momento a momento, o resultado do seu trabalho e, por isso, aparece, às vezes esta indicação: «muito trabalho, pouco fruto». Berthelot du Chesnay refere-se à missão dos tempos modernos nestes termos: «Os seus exercícios montavam-se como peças de uma máquina; bem conduzidos produziram os resultados que deles se esperava»¹⁸. Não foi por acaso que circularam entre os missionários portugueses vários manuais de missão. Pelo que conseguimos apurar, entre nós os mais seguidos eram o de Fr. José Caravantes: *Prática de Missiones*, Leon, 1674 e o de Pedro de Calatayud: *Missiones y sermones*, Madrid, 1754, já tardio. Os vicentinos pautavam-se pelas directrizes da sua congénere francesa e o ms. n.º 1084 da T.T. — *Regulamento para os que vão à missão* — é minuciosíssimo. O ms. n.º 479¹⁹ (dos franciscanos), em cujo cap. 11 tudo estava regulamentado, é do mesmo género. Nada escapava à previsão, nem era deixado ao acaso.

¹⁸ Charles Berthelot du Chesnay, *Les missions de Saint Jean Eudes. Contribution à l'histoire des missions en France au XVII^e siècle*. Paris, 1867, p. 99.

¹⁹ A.N.T.T.

O primeiro problema a resolver era a escolha da equipa, pois que de uma equipa se tratava. Havia sempre um director e cada um dos membros tinha tarefas específicas a cumprir, porque a missão implicava trabalho árduo e contínuo. Jesuítas e oratorianos, fortemente empenhados em tarefas domésticas, só episodicamente podiam partir por períodos longos. Por isso iam em grupos pequenos, em geral dois, ajudados por meninos órfãos, adestrados no catecismo e cânticos da paixão, ou então de irmãos coadjutores. Vicentinos e missionários apostólicos saíam de casa por períodos às vezes superiores a dois anos, itinerando permanentemente. O seu número podia ir de três a cinco. Como exemplo de labor insano, podemos citar a missão no bispado de Coimbra, efectuada por 3 franciscanos, iniciada a 29 de Janeiro de 1742 e concluída a 28 de Junho de 1743. Foram trabalhadas 30 freguesias, pregados 435 sermões e percorridas 164 léguas, isto é, cerca de 850 Km! Jesuítas e oratorianos iam, de ordinário, a cavalo, enquanto os outros calcorreamos caminhos enlameados, escarpas agrestes, montes cobertos de gelo. Por tais circunstâncias a escolha tinha que ser criteriosa. Quem decidia era o superior e pedia sempre para os mais velhos, letrados e fisicamente resistentes. O ms. 476 diz: «In omnibus et per omnia, junior suit subjectus seniori»²⁰.

O itinerário obedecia, por norma, a um estudo prévio. Conhecemos muitos com excepcional rigor. Com efeito o ms. n.º 852, procedente da casa de Brancanes, começado em 1741, mas refazendo toda a actividade da instituição e também o arquivado na Casa Central da Congregação da Missão são minuciosos. Permitem cartografar toda a actividade de uma e outra casa. E sabemos quanta importância se atribui hoje, no domínio da sociologia religiosa, a este tipo de trabalhos. O prof. Jean Delumeau, já aqui citado, apresentou ao Colóquio

²⁰ *Ibidem.*

de Varsóvia de 1971 um estudo modelo a que deu o título sugestivo: *Sociologie religieuse et pieté collective éclairés par la cartographie. Le cas de la France — XV-XVIII^e siècles*. É preciso proceder a trabalhos deste tipo entre nós.

Em princípio, os missionários saíam de suas casas com destino certo, pois mais não faziam do que responder ao apelo da hierarquia eclesiástica ou civil e, mesmo, frequentemente das duas em conjunto. Seria fastidioso enumerar exemplos, tantos eles são. Em todo o caso, lembrarei apenas a missão da ilha da Madeira, iniciada em 1724, por 4 missionários de Brancanes, durante mais de 2 anos, por mandado do rei, D. João V, tendo o relator anotado: «ali he que então não ficou pedra que se não movesse, nem vida que se não reformasse»²¹. Em 1740, o cardeal patriarca D. Tomás de Almeida pedia uma missão para uma freguesia de Almada a fim de restabelecer a concórdia entre os habitantes de Arrentela e Paio Pires, cujas rivalidades e desacatos as autoridades civis não conseguiam evitar. Portanto, a maioria dos itinerários de missão era sugerida pelas autoridades. Mas não havia rigidez. Mudava-se em função de circunstâncias ocasionais. Em Março de 1756 foi escrito este registo: «Por inspiração particular ... fez S. Ex.^{cia} Rev.^a cortar o fio que os nossos por sua ordem haviam começado tão perto da cidade [Coimbra] e levavam continuamente pelo campo abaixo». Outros registos são ainda mais claros: «partiram para onde mais os chamava a inspiração e vozes da necessidade ...»²².

Como sublinhámos, franciscanos e vicentinos iam a pé. E até o modo de se deslocarem estava regulamentado. Com efeito, o cap. 10 do ms. n.º 476 tem este título: «Quomodo iter facere debent», e prescreve que não falem com ninguém: «ne ipsa confabulatio eorum devotionem impediât et a destinato negotio retrahat».

²¹ Cf. A.N.T.T., ms. n.º 852 (Livreria).

²² *Ibidem*.

As missões eram ritmadas por duas ordens de razões :

- 1.º As solenidades do ano litúrgico, sendo Advento e Quaresma os seus tempos fortes.
- 2.º As disponibilidades de tempo daqueles a quem se dirigiam.

Com efeito, elas eram planeadas para não coincidirem com a azáfama das tarefas campestres ou marítimas. Assim, o tempo das sementeiras, das colheitas, das vindimas não parecia propício. Em Novembro de 1758, há esta anotação relativa à Golegã: «Não é o tempo da azeitona a propósito para missionar esta vila, nem ainda noutras terras em que a haja com abundância». São frequentes outras inscrições, como: «Tanto quanto possa ser não se faça missão neste tempo, porque anda o povo muito ocupado nas ceifas», ou então, «o frio é tanto e os caminhos estão tão enlameados que o povo não aflui». Esta última observação é relativa às terras do Barroso e a 1673. Não é também destituída de interesse a recomendação de que ao escolherem uma terra para missionar deveriam saber se nela havia espectáculos públicos, como comédias, coros, touros. Em caso afirmativo deveriam esperar o fim das festividades, porque durante elas, diz o texto, não é tempo dos figos²³.

Perante a certeza da gratuidade das missões e das despesas que elas implicavam, ocorre perguntar quem as financiava. Mais uma vez, jesuítas e oratorianos se assemelhavam. Eram as respectivas comunidades e isso sabemos-lo pela análise dos seus livros de contas, onde aparecem parcelas como esta: «Para os gastos da missão dos P.^{es} Francisco Lopes e Sebastião de Azevedo» (1704). Aceitavam-se doações ou fundações pias para isso e com os seus rendimentos pagavam-se transportes,

²³ Cf. ms. n.º 476.

instalações e todos os objectos distribuídos, a que nos referiremos adiante.

Os outros, dado que se instalavam em conventos, na misericórdia, na residência paroquial ou em outra casa, se aquelas não existissem, e como se alimentavam do que lhes era oferecido, pouco dispendiam. Mas esse levavam-no já de casa, sem nada poderem aceitar por si. Era à comunidade como tal que competia assumir tais encargos.

Uma missão longa não podia ser rigorosamente igual a outra curta. Não se deviam repetir sermões, nem práticas, nem doutrinas. Era, por isso, necessário preparar determinados temas que seriam glosados ou não, em função das circunstâncias. Isso acontecia durante o tempo remoto da longa preparação do futuro missionário. Ele próprio urdia os sermões, escrevia-os, lia-os perante o qualificador, que era o responsável pela sua aprovação ou não. Era este que aconselhava e ajudava a vencer as inevitáveis dificuldades dos principiantes. Feito isso, os sermões eram escalonados e não era possível alterar a sua ordem ou conteúdo sem licença. Do material a levar para cada missão faziam parte livros e sermões manuscritos que se podiam reler a todo o momento. Cerca de um mês antes, começava a preparação próxima de cada missão sendo esta antecedida por um retiro que entre os franciscanos durava entre 8 e 10 dias e os vicentinos apenas um. Terminado ele, partia-se com maior ou menor solenidade. Os franciscanos faziam da saída de casa uma cerimónia luzida e patética, despedindo-se uns dos outros como se o fizessem pela última vez e que Fr. Manuel de Maria Santíssima descreve pormenorizadamente. Aliás ela pode reconstituir-se por completo, visto que o cap. 9.º do ms. n.º 476 é o *Rituale solemnitate hujus*. Toda a comunidade reunida ouvia um sermão pregado pelo próprio guardião e, uma vez munidos do que era indispensável, os enviados lançavam-se ao caminho.

A chegada à terra a trabalhar procurava rodear-se de expectativa. Se a população local já esperava os missionários e, avisada pelo toque dos sinos, acorria, eles, ao aproximarem-se da igreja,

davam a bênção aos que a solicitavam e imediatamente erigiam um grande crucifixo, o Santo Cristo das missões e, com velas acesas e água benta, o mais velho, vestido a rigor, implorava a clemência divina e exorcizava os demónios, para que eles não impedissem a conversão das almas. Seguidamente cantava-se a ladainha de Nossa Senhora e dirigiam-se processionalmente à igreja. Aí tinha lugar de imediato o 1.º sermão ou prática acerca da utilidade da missão, da necessidade dela, da dignidade e caridade dos missionários em geral e acerca das indulgências, cujo breve liam em público. O exorcismo era feito com ar grave, em termos violentos e incisivos :

«Maledicti et maligni daemones qui vestra gehenali superbia e coelo ejecti fuistis in damnationem aeternam, in stagnum ignis et sulfuris, et tanquam rugientes leones circuitis quarentes Christi fideles ut eos devoretis ... eu, Fulano, em nome da SS.^{ma} Trindade, vos ordeno que imediatamente e sem demora saiais deste povo e de toda a criatura que nele more e não mais os enganeis, nem procureis mais tentar ou corromper, para que espontânea, livre e frutuosa ouçam a palavra de Deus. E rematava por estes termos imperativos :

«Deinde iterum atque iterum conjuro vos nequissimi spiritus sub pena augendi vobis poenas ignis et sulfuris in inferno in Aeternum ipso factu incurrenda, ut cito, statim et sine mora obediatis creatori vestro et exeatis ab omni loco isto et habitantibus in eo et eatis in locum vobis deputatum. (cruzes sucessivas) ²⁴.

Outras vezes, intencionalmente ou não, entravam nas povoações de noite e de surpresa. Ouçamos o biógrafo de Fr. António das Chagas :

«Uma noite de entrudo se ouvirão altas vozes de Fr. António e dous companheiros mais pelas ruas da vila de Souzel e o que delas se percebia era: *Penitência, penitência para os que*

²⁴ *Ibidem.*

estão em culpa e esperão de Deus misericórdia. Estas vozes nunca ouvidas e nunca esperadas em tempo que só se escutavam as de musicas e cantigas, de violas, harpas, bandurras e cитарas, puserão em silêncio os risos, praticas, jogos, bailes e outros divertimentos que havia em todas as casas; applicando seus moradores os ouvidos para se certificarem no que aquelas vozes dizião; depois de inteirados que erão pregoens de penitencias, som da trombeta do juizo, entre pasmo e admiração todos metidos por dentro saião para fora das casas a reconhecer quem lhes prégava pelas ruas; e dando com o Veneravel Padre e seus companheiros os iam seguindo para a Igreja, que daquela noite fez 4.^a feira de cinza»²⁵.

O sermão era, sem dúvida, o núcleo de toda a missão, pois era do alto do púlpito que, desde o primeiro dia, se começava a convidar os fiéis para o confessionário e não se abandonava uma terra sem que todos tivessem passado pelo tribunal da penitência. Ele tinha lugar, pois, na igreja, salvo em ocasiões de afluência excepcional podendo, então, ser proferido no adro, ou numa praça pública (Fr. António das Chagas, segundo Godinho, teria pregado em Braga para 10.000 pessoas e em Barcelos para 13.000).

O seu número variava muito. Fr. António das Chagas pregava três e mais vezes por dia. Os vicentinos preferiam fazer todos os dias dois sermões, um de instrução e o outro de movimento, isto é, que convidasse à acção. Por sua vez, oratorianos e jesuítas não pregavam senão uma vez por dia.

Em certas ocasiões, os sermões eram espectaculares para chocarem e causarem vivo arrependimento, especialmente os do séc. XVII. Voltemos a Fr. António das Chagas. Ele costumava terminar as suas prédicas por um acto de contrição, virado para o crucifixo «que tomava na sua mão esquerda

²⁵ P.^o Manoel Godinho, *Vida, virtudes e morte com opinião de santidade de veneravel Padre Frei Antonio das Chagas*. Lisboa, 1738.

para que fossem mais valentes as bofetadas que dava na cara própria com a mão direita». A estas violências respondia o público com lágrimas, soluços, gritaria, criando-se um verdadeiro histerismo colectivo, como, de resto, acontecia pelos outros países da Europa, segundo o demonstrou recentissimamente Alexander Gieysztor, em relação à Polónia e Boémia do séc. XV²⁶.

Como se pregava? Obedecendo a três cânones :

- 1.º Ensinar com utilidade, isto é, falando uma linguagem acessível a todos, com utilidade e prudência.
- 2.º Advertir com suavidade, ou seja, com brandura e doçura de palavras.
- 3.º Insistir com severidade, devendo-se em função do tempo e lugar, repreender, instruir e ensinar os duros e obstinados e, conclui o manual que vimos seguindo :

«praedicator debet importune quandoque clamare et praedicare ut sic quasi violenter de caverna cordis humani bestiam, id est, diabulum extrahat»²⁷.

Portanto, aconselhava-se, em caso de necessidade, o uso de meios violentos e espectaculares.

O sermão podia ser, por vezes, muito longo: hora e meia, duas, três e mesmo mais. Era cansativo. Por isso o missionário tinha consigo uma campainha no púlpito. De vez em quando tocava-a com violência, erguia nas mãos uma caveira, fazia esgares e exclamações para criar impacto e redobrar a aten-

²⁶ «La religion populaire en Pologne et en Bohême», in *Histoire vécue du peuple chrétien*, cit., pp. 315-329.

²⁷ Cf. Ms. n.º 476 (T.T.).

ção dos ouvintes. Vicentinos e oratorianos eram mais breves e raramente podiam ultrapassar a hora. Usavam uma ampulheta para medir o tempo e, quando o pregador se entusiasmava, o companheiro puxava-lhe a roupa para o admoestar acerca do tempo.

O que se pregava? A análise dos temas dos sermões de missão daria, por si só, para preencher o tempo desta lição. Em síntese, diremos apenas que eles procuravam adequar-se aos objectivos a atingir, sendo gradativos e perfeitamente encadeados. Começava-se (e é Fr. António das Chagas que fala) por «persuadir logo à penitência e confissão; depois mostrava-se «como está ofendida a Lei de Deus, a fealdade do pecado, castigos se não há emenda e remedio para quem os quer ter: Morte, Inferno, Juízo, Ceo, Patrocinio da Virgem e Devoção do Terço ou Coroa, Paixão de Cristo, Vias Sacras». São coincidentes com estas outras informações. No ms. n.º 1441 do B.P.M.P. há um pequeno temário de sermões de missão a saber: morte, juízo final, inferno, eternidade, *fuge peccatum memento quis est, conditionum confessorum, ne demoreris in errore* e outros semelhantes, terminando tudo pelo sermão da perseverança. O pregador dirigia-se a pessoas rudes, mais inclinadas ao temor do que ao amor. Por isso, desde o início, ele inculcava do alto do púlpito o medo. Aterrorizar tornava-se numa pedagogia eficaz. Fr. Manuel de Maria Santíssima, um dos missionários mais experimentados de todos os tempos, escreveu: «Aterrados os pecadores com os sermões, não fugiam, mas buscavam com maior ancia o missionário». De um inventário contendo 96 temas de sermões dos meados do séc. XVIII só dois tratam do amor, o que é bem significativo²⁸.

Complementar do ensinamento parenético era o catecismo que podia ser ensinado, uma, duas ou mais vezes por dia.

²⁸ Cf. B.P.M.P., ms. n.º 1441.

Em geral, de manhã era destinado às crianças e, à tardinha, aos adultos, quando tinham cessado os trabalhos campestres. Era o grande catecismo. Para essa tarefa havia sempre um homem especializado. O que ensinava? Fórmulas simples de piedade, como o *Pater*, *Credo*, *Acto de Contrição* e algumas das verdades essenciais relativas ao dogma e à moral, bem como cânticos religiosos, simples e fáceis de decorar, para substituírem os profanos. Estes cânticos, que é tempo de inventariar e estudar entre nós, facilmente memorizáveis, veiculavam ensinamentos que permaneciam no ouvido e se transmitiam, às vezes, durante gerações.

Juntamente com estes ensinamentos eram distribuídos objectos de piedade em profusão: terços, verónicas, camândolas, catecismos, medalhas, imagens em papel, para que, olhando-os, o fiel recordasse os propósitos outrora feitos. O missionário explorava bem a propensão para o sensível dos nossos antepassados. Muitos desses objectos eram usados ao peito como uma espécie de amuletos para protegerem da doença, do mau olhado, das emboscadas inimigas, etc., portanto, desvirtuados. Em relação ao ano de 1579 lê-se num relato jesuíta como caso notável: certo homem dos arredores de Évora fora atacado à cutilada por 5 inimigos e não morreu, nem «nenhum mal totalmente lhe fizeram» o que ele atribuía a um «Agnus Dei que trazia ao peito e um P.^e lhe dera»²⁹.

As confissões e comunhões coroavam todo o trabalho. Fr. António das Chagas afirmava que o pregador era o varejador, enquanto os confessores eram os apanhadores. E as constituições do Oratório de Lisboa, dizem, em linguagem figurada, que o confessor devia estar desde o primeiro dia no confessionário «à espera da caça que a doutrina levantou»³⁰. O missionário, duro, austero e viril no púlpito, tornava-se manso

²⁹ Cf. A.N.T.T., ms. n.º 690 (Livraria).

³⁰ Cf. n.º 15.

e compreensivo no confessionário. Atacava os vícios, mas poupava os homens. Deixemos os aspectos puramente religiosos e digamos uma palavra, ainda que de passagem, sobre a incidência social das confissões. Vários relatos afirmam que através delas muitos infanticídios se evitavam. Acerca da missão de 1714 na zona de Aveiro, escreveu o relator :

«Mães acharam que depois de parir tinham morto quatro filhinhos por se não saber o seu pecado, que sempre o ocultaram nas confissões e agora se animaram a o descobrir. Esta grande lastima se adoçava com a advertencia que teve de primeiro os baptizar». E relativamente à actividade do colégio de Évora em 1588. «Por esta mesma via [confissão] se evitaram muitos homicídios de crianças»³¹.

Para além deste aspecto, outro era inerente à absolvição: a restituição dos furtos. Assim se ia praticando justiça social. Quando o proprietário era desconhecido ou defunto, applicava-se o montante do furto em obras pias. Assim, em 1673, o vigário de Ervedelo (Chaves) recebeu o suficiente para comprar um vaso de prata e o de Viade o que bastou para financiar a cobertura de prata do sacrário, além de esmolas a pobres, o que era vulgar. O perdão das injúrias, a concórdia, a obediência aos superiores, etc., tinham no tribunal da penitência um enorme aliado. A título exemplificativo, lembraremos aqui que na missão já citada de 1673, que se alongou por cerca de 3 meses, se fizeram 120 pregações, a que corresponderam mais de 13.200 confissões. Na mesma arquidiocese, em 1748, a 93 dias de missão corresponderam mais de 9.218 comunhões, e, portanto, idêntico ou maior número de confissões. Os números falam por si.

O final da missão, especialmente franciscana, era coroado com uma solene e impressionante procissão de penitência, cuja organização é bem um índice dos gostos e da mentalidade do nosso homem do período barroco. Conhecemos delas muitos e

³¹ Cf., respectivamente, o ms. dos vicentinos, *cit.* e o n.º 690 (jesuítas).

circunstanciados relatos. A espectacularidade destas manifestações explica-se pelo facto de se procurar impressionar um público de mentalidade rude e fruste, sem formação intelectual e que aspirava por um ensino directo e chocando a sua sensibilidade. Assim se explicam, também, os autos de fé, como o sucedido, aquando de um sermão de missão em Moncorvo, em 1718, em que todas as senhoras se despojaram dos seus adornos, excepto uma, por imposição do marido. Abria a procissão sempre uma grande cruz ladeada por duas lanternas e, em fileiras, «mininos e rapazes todos vestidos de branco, descalsos, coroados de silvas e nas mãos com santos cristos, ou caveiras ou contas; seguia-se outra cruz com toalha branca atravessada e nas alenternas e nas fileiras os homens, vestidos também de branco, descalsos, coroados de silvas, com santos cristos e caveiras na mão. No meio iam os penitentes, de açoute, com cruzes, trancas, alavancas, grilhões, coroas de espinhos, cordas ao pescoço, pés descalsos, braços em cruz, caveiras, ossos, etc.»³². Eram tantos, dizem os relatos, que ninguém os podia contar. Na procissão do Porto, de 1738, estiveram cerca de 500 penitentes e 30.000 fiéis, a dar crédito à nossa fonte. À saída de uma, que podemos considerar modelo, fez-se um demorado sermão de penitência e pelo decurso da procissão, mais cinco práticas tiveram lugar, nos cruzamentos. Iniciada pelas 6 da tarde só se recolheu pelas 11 e durante o desfile, a sinal das campainhas, o coro cantava, lugubrememente, *Senhor Deus, misericórdia*, a que o povo respondia rezando e gritando em altas vozes. (Conhecemos muitos desses versos que se cantavam nas procissões...). Imagine-se o enorme impacto psicológico que tinham estas manifestações de piedade, feitas numa semi-penumbra e num silêncio sepulcral, cujo ritmo era marcado por um passo cadenciado, gritos, açoites, soluços, rezas!

Toda a missão provocava uma evidente agitação social, a denúncia de erros, prepotências, abusos, escândalos. Não

³² Cf. A.N.T.T., ms. n.º 852.

admira que esbarrasse com tenazes resistências, tanto dos que se imaginavam atingidos, como de todos os que dominavam as consciências dos povos, fosse pela intimidação, fosse pela inércia. Os primeiros a resistirem-lhe eram os clérigos, muitos dos quais eram medíocres, preguiçosos, escandalosos. Os missionários eram exigentes e, por isso, incómodos. Conhecemos muitos testemunhos que demonstram isto mesmo e seria fastidioso enumerá-los. E o que se diz dos párocos é igualmente válido em relação ao cabido de várias sés, em algumas das quais os escândalos eram demasiado perniciosos. Mas da parte dos fiéis também muitas vezes surgiam más vontades e obstruções. Quando não podiam obstar à sua presença, alguns procediam como se os ignorassem. Nesses casos, o missionário, esgotados os meios suavisos normais, podia passar à ameaça directa. Armado do crucifixo e seguido do povo, buscava os renitentes em suas casas. Parado à sua porta, orava aí por eles e responsabilizava-os pelas possíveis desgraças colectivas (peste, fome, pragas), porque o pecador público era um desafio à ira divina, portanto um perigo público. E, em geral, triunfava! ...

Na esmagadora maioria dos casos, porém, a hierarquia auxiliava-os quanto podia. Os bispos concediam-lhes os privilégios de absolverem os fiéis quanto à maioria dos casos a si reservados. O de Portalegre, em 1720, outorgou-lhes mesmo o do seu foro externo, isto é, prender e castigar publicamente. Financiavam-nos, acolhiam-nos em seus paços, com sinais do maior regozijo. Desde meados do séc XVI e até 1834 são constantes os pedidos de missionários para as várias dioceses, o que diz bem da benevolência da hierarquia. E nem sempre os párocos eram por eles incomodados. Bem sintomática é a informação relativa à diocese de Leiria de 1714, missionada pelos jesuítas. Um deles escreveu: «Os párocos nos convidavam à porfia para suas freguesias e um me afirmou que um dos frutos que recolhia das missões era achar-se com mais 90\$000 na bolsa, aludindo nisto aos dizimos que se lhe haviam de

restituir e aos que se lhe não haviam de furtar naquele ano»³³. Eis uma explicação sugestiva para a benevolência com que eram recebidos. Por sua vez, os fiéis, quase sem exceção, os recebiam em festa a qual durava até à retirada. Os testemunhos abundam. O P.^e Godinho afirma que a receber Fr. António «saíam povos inteiros, acompanhavam-no turbas pelos caminhos, em suas entradas nas freguesias se repicavão os sinos, como nas maiores festas e festa erão todos os dias que ele se detinha nelas ... Em tais dias não havia quem trabalhasse, cerravão-se as logeas, não se abrião as tendas, ficavão sem moradores as casas».

Impossível concluir esta rápida panorâmica da missionação em Portugal nos tempos modernos sem nos interrogarmos sobre os seus resultados. Fá-lo-emos com a rapidez que o tempo impõe.

Analisemos as marcas exteriores de sucesso. Dissemos já ser urgente proceder à cartografia, tanto quanto possível completa, dos itinerários missionários conhecidos. Pelo que conhecemos, nenhum lugar escapou à sua influência e atenção, sendo até normais indicações como esta relativa a Alvito, em 1743: «Muita frequência de missões nesta terra». Missionado um lugar, ele ficava sob observação. Aí se voltava repetidamente. Aproveitava-se para esquadrihar por completo a zona, sem que nada nem ninguém pudesse escapar. Ora tais itinerários são um índice da sua influência, tanto mais que quase todos nos chegaram acompanhados do número de dias dispendidos em cada lugar. A frequência de tais jornadas leva-nos a pensar em boa receptividade, porque, quando esta não existia, os missionários afastavam-se discretamente. Berthelot du Chesnay teve a ideia de representar graficamente por círculos alargados os sítios missionados, dado que a eles afluíam sempre as populações vizinhas. De modo idêntico se poderá entre nós ter uma ideia aproximada da cobertura do território

³³ Cf. B.N.L., Cod. 750.

continental e insular por eles devassado. Aliás, o cronista de Brancanes e os da Congregação da Missão tiveram consciência de que a sua presença em determinadas zonas do país era sobremaneira aconselhada. Os primeiros calcorreamos repetidamente o sul e centro, embora também atingissem com regularidade o norte. Mas dele estavam mais próximos a casa de Varatojo e Mesão Frio. Os vicentinos de Rilhafoles derramaram a sua actividade preferentemente pelos arredores de Lisboa, centro-sul do país, tendo atingido Aveiro e Porto apenas episodicamente. A zona compreendida entre Tejo e Mondego foi o seu campo preferido, embora se tenham estendido até Évora, mas sem a regularidade indispensável.

Claro que estas indicações terão que ser completadas por outras em que ressaltem os lugares de implantação topográfica dos institutos missionários, pois é certo que se trabalhava nos arredores, de preferência, embora uma regra da prédica franciscana fosse o pregador nunca se apresentar na sua terra.

Outro índice a ter em conta é o que se relaciona com a afluência de fiéis aos seus exercícios. A darmos crédito às fontes de que dispomos, na enorme maioria dos casos, ela era excepcional. Poderíamos multiplicar as citações. Já referimos o testemunho do P.^o Godinho acerca do número de dez e treze mil ouvintes dos sermões de Fr. António. E ele próprio cita um depoimento, segundo o qual, em 10 dias que esteve em Casal Comba em missão, se confessaram e comungaram mais de 5.000 pessoas «do que se vê, acrescenta, que acudia gente das terras vizinhas». Os jesuítas, que em 1673 foram em missão pela comarca de Chaves, tinham o cuidado de inquirir o número de habitantes de cada freguesia para, no final do seu trabalho, saberem se todos tinham passado pelo tribunal da penitência e comunhão. E o certo é que se consideraram satisfeitos. Eis o registo relativo a Ruivães: «Tem 500 pessoas de comunhão e como sempre ficavam alguns de menor idade, outros ausentes e impedidos, comungaram até 400 pessoas na 6.^a feira e sá-

bado ...»³⁴. Outros filhos de Santo Inácio, que em 1742 missionaram parte da arquidiocese de Braga, na bacia do Ave, a partir de Vila do Conde, ao referirem-se à afluência de fiéis escreveram sempre quanto ao fruto: grande, muito grande e muitíssimo grande. E o mesmo aconteceu noutra, em 1740, começada e concluída em Braga. Na missão ao Algarve, em 1588, partida do colégio de Évora, um dos missionários ouviu, só por si, mais de 3.000 confissões em menos de 2 meses.

Nem sempre eram deste teor as anotações. Eis outras inver-
sas: Marvila, em 1778: «Foi pouco fervorosa. Comungaram menos de 400 pessoas». Pedrógão Grande, 1794: «Esta gente é dócil, mas não convém que as missões sejam muito frequentes, porque então se lhe nota uma certa frialdade». Alcântara, 1825: «Foi frouxa no concurso às pregações e ao confessionário, principalmente homens»³⁵. Portanto, os missionários eram realistas e sabiam confessar os desaires, que, embora menos numerosos, também existiam.

Mas, como dissemos, o grande afluxo era timbre. A missão pregada no Porto, na igreja da Lapa, em 1820, congregou logo no primeiro dia 5 a 6 mil pessoas e outras tantas ficaram fora e retiraram-se por falta de lugar. A procissão final de penitência, realizada em Guimarães, em 1721, teriam afluído 30.000 pessoas. Admitamos que este número é exagerado e que muitos não eram senão simples assistentes, curiosos de espectáculos populares como eram as procissões e os sermões. Em todo o caso, como argutamente sublinha Berthelot du Chesnay, o caminho conducente ao confessionário era sempre mais difícil de percorrer do que o que desembocava no sermão. E, se dermos crédito aos relatos, os missionários passavam os dias ouvindo confissões e, cito, «muitas eram gerais fazendo-as com grande exemplo até os reverendos párocos». Visto que aos missionários surgiam inúmeros casos intrincados de moral que

³⁴ *Idem.*

³⁵ Cf. Ms. dos vicentinos.

era necessário resolver de imediato é que eles se muniam muitas vezes de *vade mecum*, espécie de manuais de casuística, de consulta rápida e eficaz. É o caso do cit. ms. n.º 1441, da B.P.M.Porto.

Onde os sinais exteriores de sucesso eram, contudo, mais palpáveis era na pacificação social. O missionário era um homem atento ao seu tempo, conhecia de perto os maiores flagelos sociais e procurava opor-se-lhes. Todo o ensinamento ia no sentido da humanização e dulcificação dos costumes e hábitos ancestrais, em que ódios e vinganças se transmitiam, por vezes, de geração em geração. Até que ponto conseguiram eles transformar os costumes violentos dos fiéis? Terão diminuído os duelos, os homicídios, as vinganças e, sobretudo, as inimizades públicas? Certamente que sim, embora o não possamos avaliar com rigor. Não vamos aqui relembrar a actuação de Fr. António das Chagas, neste aspecto tão conhecida e maravilhosa ela é. Mas há inúmeros casos que, por si sós, parece elucidativo referir. Atendamos a alguns:

- 1573—Angra, na ilha Terceira: as inimizades e ódios eram tantos quantos os vizinhos. O missionário dissertou sobre o perdão dos inimigos e, cito, «no meio do sermão se levantaram os que estavam em ódio e logo na mesma igreja se andavam reconciliando uns com os outros».
- 1579—Évora: «fizeram-se muitas amizades entre pessoas honradas e muito parentas, entre oficiais de justiça assim eclesiásticos como seculares e entre outras pessoas de cujo ódio se seguiam grandes ofensas a Deus; em especial foram umas entre duas pessoas das quaes uma era de idade de 85 anos e a outra de perto de 80 e havia 50 que se não falavam».
- 1588—Numa cidade do sul um pai queria obrigar sua filha «a beber veneno por suspeita de que ela traía a honra

da família. Há 4 anos esta estava dividida por ódio feroz». O missionário chega e consegue a concórdia.

- 1603—Coimbra: as amizades que se fizeram foram tantas «que só em um lugar chegou o número de reconciliados a 300».
- 1673—Chaves: tio e sobrinho rasgaram em plena igreja um processo judicial pelo qual o segundo havia sido condenado a 6 ou 7 anos de degredo para África e 100\$000 de multa.
- 1744—Abrantes: «um montão de pazes fizemos», diz um dos missionários compulsados.
- 1753—Turquel: «Prégando-se nesta freguesia da dilecção dos inimigos, interromperam o Prégador no meio do sermão algumas pessoas e naquele acto se fizeram mais de 10 reconciliações».
- 1755—Nazaré: «fizeram-se (ao parecer de todos milagrosamente) umas grandes pazes entre dois irmãos, dos principais da terra, que andavam em antigas e mais que escandalosas inimizades».
- 1761—Erra: «Havia muitas inimizades, mas a gente, como estava muito compungida, antes de chegar à confissão se perdoavam e reconciliavam; ou, sendo obrigados desta obrigação, com toda a prontidão e docilidade o executavam».

Enfim ..., poderíamos multiplicar as citações quanto a tempo e lugares. Parece-nos desnecessário fazê-lo. Nem se tratava apenas de pacificação entre pessoas ou grupos. Tinham também lugar restituições, evitavam-se brigas, preveniam-se infanticídios, desfaziam-se embustes, denunciava-se a usura, os abusos de poder, os jogos ilícitos!

Como se informavam os missionários acerca das carências mais flagrantes de cada terra? Junto de pessoas idóneas, na

confissão, por observação directa. Em 1587 o bispo de Viseu entregou em mão a um missionário jesuíta o catálogo daqueles que estavam em ódio mútuo e se ameaçavam publicamente com armas.

Além dos meios suasivos normais, o missionário podia recorrer a outros métodos, em último caso. E a coacção psicológica a que recorria, em geral, não falhava. Em Alhos Vedros, em meados do séc. XVIII, Fr. Manuel das Onze Mil Virgens tinha solicitado a um cavalheiro que perdoasse certa quantia a um pobre. Ele esquivava-se. Para o final da missão, o missionário pôs-lhe espias. Um dia, após o sermão, apareceu-lhe, de surpresa, à porta de casa, rodeado de povo. O cavalheiro negava-se a aparecer. Primeiramente todos oraram e, perante a resistência, Fr. Manuel ameaçou pôr-lhe a vida a nu, escrevendo o que sabia na porta da residência. Então ele cedeu!

Na mesma terra e data (1742-43) dois vizinhos vinham recusando a pacificação mútua. O missionário informou-se bem sobre eles e quando se organizou a procissão final de penitência, fê-la passar às suas respectivas portas. Em silêncio sepulcral, e de surpresa, ordenou aos penitentes que parassem e rogassem a Deus até que aqueles dois inimigos se compusessem. O resultado foi imediato. Teria sido duradouro? Ignoramo-lo. Contudo, muitos crimes contra a religião que o eram também contra a sociedade levaram forte abalo com a missão da Época Moderna. O impacto das missões no tecido social dos países ocidentais não tem, pois, contestação, mesmo tendo em conta o exagero que o tipo de fontes que utilizamos pode implicar. Quando havia insucesso eles também o reconheciam, sem azedume, e abundam os exemplos. Eis apenas um, relativo a Óbidos, em 1826: «Ainda ficaram alguns obstinados, não obstante as diligências feitas com eles em particular»³⁶.

Não podemos terminar este ponto sem uma palavra sobre as escolas abertas por iniciativa de missionários. Os exemplos,

³⁶ *Ibidem*.

infelizmente, não abundam. Em todo o caso, algumas foram implantadas. E se bem que não possamos esquecer que muitos livros foram queimados, em autos de fé sumários, como aconteceu numa missão saída do colégio de Évora, em 1571, em que, cito, «muitos livros profanos danosos aos costumes dos quais a um P.^e se fizeram alguns presentes mandando-lhos em pratos para que logo fossem queimados ...», também algo de positivo se fez. Os lazaristas abriram-nas em Ílhavo, em 1756 e o cronista refere-se-lhes assim: «a abertura de escolas foi julgado o meio unico e remedio o mais proporcionado e eficaz para curar o mais pernicioso mal que padecia toda a freguesia, que era a ignorância e falta de boa educação, promovendo, erigindo e estabelecendo muitas escolas de meninos e meninas, nas quais fossem criados em doutrina e bons costumes, principalmente e, além disso, aprendessem aqueles a ler, escrever e contar e estas as obras manuais proprias do seu sexo». Escolas confessionais, portanto, como todas as dos tempos modernos e ainda discriminando os sexos. A mentalidade da época ainda não se libertara do seu ancestral e feroz anti-feminismo. No mesmo ano duas outras foram abertas em Covões e outras tantas em Pocariça e no ano seguinte quatro em Ameal, pagas por cotização popular, tudo na diocese de Coimbra. Em Alcântara em 1825: «ficaram as coisas bem dispostas para se estabelecer uma escola régia de meninas. Visitaram-se as que havia pagas por particulares»³⁷. Manter-se-iam? Não sabemos. Mas a sensibilização das populações era, já de si, importante e de incalculável significado futuro.

Não atingiriam o seu verdadeiro objectivo os missionários se não conseguissem provocar nas consciências um autêntico revigoreamento do espírito cristão. Ele não é aferível por meras manifestações externas, mas parece não poder ser posto em dúvida. Assinale-se que tiveram lugar inúmeras entradas em religião na sequência das missões. São frequentes os exemplos.

³⁷ *Idem.*

Citarei apenas o acontecido com Fr. Afonso dos Prazeres que pregou em Coimbra, nos anos 20 de setecentos, e fez com que 150 indivíduos, tocados pelas suas exortações, pedissem ingresso no mosteiro de Santa Cruz, como se refere na *História do Varatojo*. Outro tanto aconteceu mais tarde com a missão de Fr. Paulo de Santa Teresa, em que 4 lentes e uma dezena de estudantes universitários se recolheu ao convento de Varatojo.

Há, porém, outros indicadores que não podemos esquecer. A sacramentalização das populações era outra constante das missões e os seus frutos reais avaliavam-se tanto pelo afluxo de fiéis, como pelo número de comunhões, que coroavam todo o trabalho colectivo. Ora, em cerca de 50 anos de actuações, os vicentinos de Rilhafoles enumeraram 295.503 comungantes, em cerca de 400 freguesias, o que, a seus olhos, era bom. Poderemos nós duvidar? Há repetidos testemunhos de párcos e visitantes afirmando que a missão amolecia os corações e os tornava mais sensíveis aos valores cristãos e humanitários e as conferências feitas aos próprios eclesiásticos ajudavam a manter vivo o entusiasmo e a generosidade dos finais da missão. Por vezes, os missionários ficavam mesmo a dirigir os fiéis por correspondência.

Mas — e este é provavelmente o balanço mais palpável do resultado das missões — espalharam-se e radicaram-se devoções que chegaram aos nossos dias. A mais generalizada foi, sem dúvida, a reza do terço em público pelas ruas, igrejas, ou então, dentro das casas com janelas ou portas abertas. Testemunhou-o o arcebispo de Évora em 1745 e são inúmeras as informações que disso nos chegaram através dos relatos de vicentinos e franciscanos. Mas — e facto bem sintomático — a notícia de terços cantados à noite, pública e particularmente, é frequentíssima a partir de 1760 e manteve-se até 1834, altura em que terminam os nossos relatos³⁸. Além das rezas quotidiana-

³⁸ O relato das missões dos lazaristas continuará a partir, sobretudo, de meados do séc. XIX, mas aqui apenas as considerámos até à data da extinção das ordens religiosas.

nas da ceia e da ementação das almas, estabeleceram-se inúmeras confrarias e irmandades, a prática da oração mental em muitas igrejas, a devoção a determinados santos, quase todos heróis da reforma católica, além de Nossa Senhora. Em muitas freguesias ficavam a cantar-se orações em verso, simples e memorizáveis, especialmente no Advento e Quaresma.

Para além disso a irradiação da devoção à *Via Crucis* levou à construção de inúmeros calvários ou caminhos da cruz, alguns dos quais ainda hoje mantêm na talha do seu granito a marca destes tempos. Eles permaneceram como um símbolo das procissões penitenciais.

Ao esboçarmos um balanço final sobre o fenómeno missionário dos tempos modernos, algumas notas se nos impõem, embora só um estudo global e profundo nos permita alicerçar opiniões e, porventura, corrigir pontos de vista. Alguns aspectos, porém, nos parece importante destacar. E para finalizar na linha de orientação com que iniciámos esta lição e de acordo com o rigor metodológico de que ela deve revestir-se, cremos ser aconselhável dizer uma palavra sobre a credibilidade das fontes de que nos servimos. Aqui, como em quase todos os outros ramos do saber, só uma confluência de testemunhos e a sua concordância, ao menos nos pontos essenciais, podem fornecer certezas. Existem elas quanto às missões? Em boa parte, sim, mas há ainda todo um trabalho de recolha, seriação e crítica a fazer. Temo-nos servido preferente e quase exclusivamente de fontes, cuja redacção foi obra dos próprios missionários e seus confrades. Serão elas dignas de inteiro crédito? Eis uma questão que, por honestidade, não podemos deixar de suscitar! A nossa opinião é de que, salvo nos casos atribuíveis à fácil aceitação do maravilhoso tão característico destes tempos, o conteúdo, em geral, é de aceitar. O relato era uma exigência de método e rigor e um guia para o futuro. Poderia ser falseado intencionalmente? Não parece, tanto mais que as testemunhas eram sempre em número superior a duas. Não raro se encontra a expressão «pouco mais ou menos», no que se refere a núme-

ros, o que revela desejo de rigor e autenticidade. De resto, quando procuramos confirmar (ou infirmar) os dados pelo recurso a outras fontes, quase sem excepção, umas confirmam as outras. E a panóplia de argumentos exige a nossa adesão.

As missões do interior entre nós foram anteriores ao encerramento do concílio de Trento. Bastará chamar a atenção para o que sobre o assunto escreveu o Prof. Silva Dias em *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal* e lembrar que elas não terminaram em 1834. Os lazaristas continuaram-nas em 1843-44-48-57-63-68, etc. Ainda em 1854 no n.º 1 do jornal «A Missão Portuguesa» se dizia ter-se criado no Bombarral um colégio para educação de missionários a enviar para Além-Mar e «para dentro deste reino, quando sejam pedidos».

Mas as missões continham em si próprias o gérmen da sua destruição. Tendo suscitado um despertar da consciência dos cristãos, nomeadamente da hierarquia, e, como escreveu Grignon de Monfort, renovado o espírito do cristianismo, conduziram à criação de seminários e outros centros de formação permanente os quais acabariam por as ir liquidando, pouco a pouco. Mesmo tendo em conta a sua curta duração em cada lugar, o certo é que elas provocaram um clima de vida cristã mais intensa em que exercícios, procissões, reconciliações, exorcismos não deixavam de impressionar fortemente. A cristianização da sociedade moderna muito lhes ficou devendo, sem dúvida.

A boa aceitação de que, em geral, o missionário disfrutava entre a arraia miúda explica-se ainda por outra ordem de razões. Médico das almas por antonomásia, ele podia também sê-lo dos corpos. Vejamos como. Em primeiro lugar porque um número considerável dos missionários apostólicos tinham sido médicos antes do seu ingresso em religião e, por essa razão, continuavam a exercer a medicina do corpo em lugares, onde, provavelmente, nenhum clínico chegava. Daí a sua áurea de prestígio. Em segundo lugar, e em íntima conexão com esta característica, o pregador missionário, como inimigo feroz do demónio, do príncipe e causador de todos os males, procedia

ao seu esconjuro sistemático. Paramentado, grave, com voz firme, visitava os doentes junto dos quais recitava orações lembrando as curas milagrosas de Cristo. A título ilustrativo, lembro apenas que o exorcismo contra a febre terciana e quartana se fazia por estes termos: «Exorcizo-te, febre maligna, sejas de que qualidade fores, para que te afastes deste servo de Deus, deixando-o são, tal como ficou o sogro de Simão, quando Jesus ordenou à febre que o abandonasse». Tais esconjuros podiam ser dirigidos contra as lombrigas, contra os males dos alimentos e, mesmo, contra os malefícios dos medicamentos. É o que se depreende desta oração, tantas vezes recitada :

«Pedimos-vos ... para que vos digneis conferir a este medicamento virtude para curar todas as enfermidades, dores e feridas e para que todos os que o usarem fiquem ilesos dos efeitos do espírito maligno ...»³⁹.

Numa época de aceitação fácil do maravilhoso e do milagre, em que sagrado e profano se confundiam permanentemente em que, como afirmou Jean-Baptiste Thiers (1679), se baptizavam carneiros e rebanhos inteiros para deles se afastar a doença⁴⁰ será de estranhar que os nossos antepassados rurais vissem no missionário a tábua de salvação, um refúgio para os seus temores e males quotidianos? Não. Eis uma das explicações para a sua fácil receptividade nos meios rudes e frustes.

Por último levantarei, à guisa de conclusão-balanço, uma questão de capital importância, à qual me não atreverei a responder, confesso-o desde já. Que cristianismo difundiam os missionários? O dos teólogos e dos moralistas eruditos, isto é,

³⁹ Ms. 476 da T.T.

⁴⁰ Cf. «Le Traité des Superstitions de Jean-Baptiste Thiers, contribution à l'ethnographie de la France du XVII^e siècle» par François Lebrun, *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, Tome LXXXIII, n.º 3, sept., 1976, pp. 443-465.

uma religião coerente, bem estruturada, sem brechas? Ou faziam por irradiar, até ao mais íntimo, crenças e hábitos ancestrais, tentando aculturar o mais possível, mas aceitando certas condicionantes do tempo e do meio, isto é, transigindo com uma religião de cerimónia e ostentação, de poder, de constrangimento e repressão? Em meu entender, era esta última hipótese que se verificava. Tudo se passava como se os missionários assimilassem e transigissem com um mal menor, com práticas que se lhes impunham com toda a evidência. Melhorar, atrair à religião do espírito e verdade, sim; mas na medida do possível. Era preciso ser realista.

Já acentuámos que certas práticas dos pregadores itinerantes, nomeadamente os exorcismos, eram interpretados pelo povo como ritos mágicos, de catarse e de eficácia. Por isso eles deveriam conhecer receitas e práticas de curandeiros e feiticeiros para se lhes oporem. Mas, por um processo de osmose a que não conseguiram eximir-se, transigiram com práticas e crenças, que hoje consideramos ridículas e infantis. Assim, um missionário franciscano portuense do séc. XVIII, fornecia um elenco dos dias nefastos de todo o ano.

Janeiro	1, 2, 3, 6, 11, 15, 20.	Julho	13, 15.
Fevereiro	1, 7, 8.	Agosto	18, 20
Março	15, 16, 17, 18.	Setembro	15, 18.
Abril	7, 15.	Outubro	6.
Maiο	2, 7, 20.	Novembro	15, 17.
Junho	6.	Dezembro	6, 7.

Mas vai muito mais longe. Adverte para «3 segundas feiras muito perigosas para os que tem trato com mulheres alheyas».

- 1.^a segunda-feira de Abril, porque neste dia se perderam as cidades nefandas de Sodoma e Gomorra.
 » » » » Agosto, porque neste dia nasceu Caim.
 » » » » Setembro, » » » » Judas.

E, pasme-se, o missionário anotou no fim: «guardence os homens em os tais dias de actos deshonestos». Esta advertência: «*em tais dias*» não deixará supor que nos demais, nos 362 restantes, a libertinagem sexual dos nossos antepassados, de resto bem documentada, era tolerada com displicência?

As missões dos tempos modernos contribuíram para uma cristianização intensiva e massiva, sem dúvida, mas camuflando uma enorme diversidade de comportamentos. É que uma cultura e uma mentalidade são muito mais resistentes à mudança do que pode imaginar-se ...